

**geopolítica
da cultura e
da tecnologia
fórum
internacional**

**11-13 nov
2010
são paulo
cinemateca
brasileira**

www.geopoliticadacultura.org.br

realização
ministério da cultura
secretaria de políticas culturais
cinemateca brasileira

curadores
gilberto gil
laymert garcia dos santos

assistentes de curadoria
francisco caminati
rafael alves da silva

coordenação
osé guilherme pereira leite

Secretaria de Políticas Culturais
Ministério da Cultura



Onde estamos? Para onde vamos?

Conceito

Com o derretimento dos mercados financeiros em setembro-outubro de 2008, muitos dos indícios que ao longo da última década apontavam para um reposicionamento do Brasil e dos BRIC na geopolítica mundial se explicitaram ainda mais. Agora, dois anos depois, nem cabe mais a denominação «emergentes»; seria preciso forjar um termo novo para qualificar esses países, que, de certa forma, já emergiram. E, nesse sentido, a iniciativa de nomear faz parte do próprio campo de disputa que está aberto. Pois se as economias «emergentes» estão assumindo um novo papel no cenário mundial, um novo papel geopolítico, por que caberia a primazia da enunciação ao antigo centro hegemônico? Uma questão se impõe logo de início: como nós, os ex-«emergentes», qualificaremos o que está se construindo?

No Brasil, gesta-se, pela primeira vez em nossa história, a possibilidade de efetivarmos uma estratégia de autonomia relativa, que nos permitiria não só nos distanciarmos da eterna subordinação colonial e neo-colonial mas, sobretudo, buscarmos um caminho próprio que leve em conta nosso potencial enquanto país e realize nossas promessas de futuro. A discussão sobre as transformações do (des)equilíbrio de forças no mundo já está repercutindo nas esferas dos discursos diplomático, político, militar e econômico que elaboram o sentido da nova realidade brasileira. Mas o que se passa no campo da cultura?

Salvo engano, pouca gente tem abordado os impactos sobre a cultura ou as possibilidades que se abrem para a cultura com a emergência de uma nova geopolítica pós-crise – como se a elite dirigente e os intelectuais brasileiros ainda não estivessem «anteados» com a nossa condição inédita, nem acordado para a urgência de um debate em torno dessa questão. A relação entre geopolítica e cultura, o sentido geopolítico da cultura, é a nosso ver central para a construção de uma estratégia consistente.

Basta ver como Índia e China, por exemplo, mobilizam suas culturas tradicionais, articulando-as com a cultura tecnocientífica ocidental, para constatarmos o quanto tais países se apóiam na potencialização dessa mobilização e dessa articulação com o intuito de avançarem suas estratégias próprias. Na América Latina, desde Chico Mendes, assistimos à entrada na cena política das culturas tradicionais associadas à defesa de um meio ambiente ameaçado por acelerada deterioração. Agora, na Bolívia, no Equador, no Peru, assistimos a re-elaboração do papel das culturas tradicionais e ancestrais enquanto condição de crítica e de superação do modelo de desenvolvimento imposto de fora para dentro. Portanto, a geopolítica de que estamos falando não se restringe ao universo das relações internacionais, ao «world-game» dos Estados-Nações e de seus interesses; o que nos atrai não é apenas o rearranjo das forças globais tais como estão dispostas, pois não se trata de trocar uma hegemonia por outra, como uma troca de

comando. O «Geo» é aqui pensado como «Terra» e «terra» – substrato que não pode ser esquecido quando se pensa em política, cultura e tecnologia, pois não é mais possível ignorar a relação entre planeta e chão, entre o mundial e o local, se pensarmos que tanto as culturas tradicionais quanto as tecnologias são geradas no diálogo entre o humano e o meio.

Se a Revolução Informacional, principal vetor contemporâneo do desenvolvimento tecnocientífico euro-americano, nos fez crer que era possível descolar informação e meio, a crise financeira somada à crise ambiental não nos mostram justamente o limite da perspectiva cultural que sustenta esse modelo de desenvolvimento? Ambas as crises precisam ser pensadas para além de seus aspectos puramente econômicos e ambientais. É preciso ver e fazer ver que se trata de uma crise da capacidade de especulação e da capacidade de identificação e gestão dos riscos de um certo modelo de desenvolvimento. Crise, portanto, cultural, falta de saber viver, ineficácia do modo de habitar a terra, de conviver com os outros e de produzir futuro.

Para que haja sinergia positiva entre política, cultura, tecnologia e ambiente, uma geopolítica fundada no reconhecimento dos saberes e do saber-fazer dos povos, sem hierarquizações, é pressuposto.

Todos sabemos que a diversidade cultural brasileira, e latino-americana, é um fato e um fator fundante de nossa diferença específica no diálogo com as matrizes euro-americanas, que se universalizaram no mundo todo como cultura moderna e «cultura global». Mas nem todos percebem que as novas relações entre tecnologia e cultura propiciadas pelo advento das tecnologias da informação, quando assegurada a liberdade de produção e circulação do conhecimento, abrem uma oportunidade única para afirmarmos essa diferença específica como uma outra forma de saber e de saber-fazer compartilhada por toda uma coletividade. Indo direto ao ponto: para transformarmos essa singularidade num valor estratégico que beneficie quem a inventou, conservou e segue criando – o povo.

É essa condição nova, numa situação inédita, que precisamos pensar. Daí a proposta de um fórum internacional para iniciarmos uma conversa sobre o tema com convidados de vários países, a fim de apurarmos nossas afinidades, encontros e desencontros. Afinal, já ficou evidente que não há uma temporalidade única para o contemporâneo. Ou melhor: todas as culturas e tecnologias são contemporâneas.

Gilberto Gil
Laymert Garcia dos Santos
curadores

Programação

11

quinta-feira

Abertura
19h30 - 21h00

Gilberto Gil
Juca Ferreira
Samuel Pinheiro Guimarães

Coquetel
21h00

**geopolítica da cultura
e da tecnologia**
fórum internacional

11-13 nov 2010
são paulo
cinemateca brasileira
sala petrobras
lgo sen raul cardoso 207

12

sexta-feira

Mesa 1
9h00 - 12h30

Podem os conhecimentos tradicionais serem entendidos como cultura contemporânea num mundo multipolar?

Ticio Escobar
Catherine Walsh
Saúl Puerta Peña

Mesa 2
14h00 - 17h30

Há outras lógicas além da estratégia ocidental de aceleração total econômica e tecnológica?

François Jullien
Joaquín Barriendos
Lawrence Liang

13

sábado

Mesa 3
9h00 - 12h30

Como se mapeia a apropriação do saber e do saber-fazer depois da entrada de novos parceiros no jogo global?

Konstantinos Karachalios
Claudio Prado
Ladislau Dowbor

Mesa 4
14h00 - 17h30

Como se configuram hoje as estratégias de controle?

David Lapoujade
Eduardo Viveiros de Castro
Jack Persekian

Encerramento
17h30 - 18h00

Laymert Garcia dos Santos

Palestrantes

Curadores

Gilberto Gil

cantor e compositor, foi um dos fundadores do tropicalismo, na década de 1960. Atuou como Ministro da Cultura do Brasil, de 2003 a 2008, no governo de Luiz Inácio Lula da Silva.

Como músico, Gilberto Gil teve 52 álbuns lançados, 12 Discos de Ouro, 5 Discos de Platina, 7 prêmios Grammy e mais de 4 milhões de discos vendidos.

Como pensador da cultura, sua influência vai muito além do legado do movimento tropicalista. A área cultural, em especial a cultura popular, passa a ser considerada como estratégica para o Brasil contemporâneo, após sua posse como ministro, em 2003.

Laymert Garcia dos Santos

doutor em ciências da informação, é professor titular do Departamento de Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas.

Desde o final da década de 1980, tem se dedicado às múltiplas relações entre tecnologia e sociedade (ambiente, arte e cultura), tendo atuado como diretor da Fundação Bienal de São Paulo e participado de projetos como a recente ópera multimídia Amazônia – teatro música em três partes. Coordena o grupo CTeMe, com pesquisadores de diversas instituições do Brasil e do exterior.

Palestrantes

Catherine Walsh

é diretora do programa de doutorado em estudos culturais latino-americanos e do Fondo Documental Afro-Andino, da Universidad Andina Simon Bolívar, no Equador. Trabalha com geopolítica do conhecimento, direitos dos movimentos indígenas e afro-andinos, pós-colonização, descolonização e plurinacionalidade, entre outros temas.

Claudio Prado

é produtor cultural, teórico da contracultura e da cultura digital. Foi coordenador da ação de Cultura Digital da Secretaria de Programas e Projetos do Ministério da Cultura do Brasil, entre 2004 e 2008. Hoje, coordena a ONG Laboratório Brasileiro de Cultura Digital. Tem formação incompleta em pedagogia pela Université de Genève, Suíça, e em sociologia pela University of Surrey, Inglaterra. Fez parte do movimento *hippie*, nos anos de 1960 e 70, e se envolveu com a produção de shows e festivais de música. É um dos fundadores da Casa de Cultura Digital.

David Lapoujade

professor de filosofia da Université Paris 1 (Panthéon-Sorbonne), editou as obras póstumas de Gilles Deleuze, *L'île déserte et autres textes* e *Deux régimes de fous*. É autor de *William James – empirisme et pragmatisme*, *Fictions du pragmatisme – William et Henry James* e *Puissances du temps – versions de Bergson*.

Eduardo Viveiros de Castro

influyente antropólogo brasileiro, professor do Museu Nacional-UFRJ e membro do Núcleo de Antropologia Simétrica. Foi professor na University of Cambridge (1997-98) e diretor de pesquisa no Centre National de la Recherche Scientifique, França (1999-2001). Foi professor visitante na UFMG (2005-06) e nas universidades de Manchester (1994),

Chicago (1991, 2004) e São Paulo (2003). É autor, entre outros de *A inconstância da alma selvagem*, *Intensive filiation and demonic alliance* e *Métaphysiques cannibales*.

François Jullien

é professor da Université Paris 7 (Paris-Diderot), diretor do Institut de la Pensée Contemporaine e do Centre Marcel Granet. É doutor em estudos do Extremo Oriente, com vasta produção sobre o pensamento chinês e diálogo intercultural.

Seus livros estão traduzidos em mais de 20 países. No Brasil, estão publicados *O diálogo entre as culturas – do universal ao multiculturalismo*, *Tratado da eficácia e Figuras da imanência – para uma leitura filosófica do I Ching*, entre outros.

Jack Persekian

vive e trabalha em Jerusalém e Sharjah. É curador, produtor e fundador da Anadiel Gallery, da Al-Ma'mal Foundation for Contemporary Art e da XEIN Productions. Foi diretor artístico e curador-chefe da Bienal de Sharjah (7a, 8a e 9a edições). Curador de várias exposições internacionais, foi o representante oficial da Palestina na 24a edição da Bienal de São Paulo, em 1998.

Joaquín Barriandos

é professor visitante do Departamento de História da Arte da Universitat de Barcelona e pesquisador visitante na New York University. Em 2008, co-fundou a plataforma Global Visual Cultures. Faz parte da rede latino-americana Conceptualismos del Sur. Também coordena o projeto de pesquisa Tristestópicos, que focaliza os imaginários culturais da América Latina. É co-editor da revista (Ex) centric Documents on the Latin American Imaginaries, e curador de exposições em diversos países da Europa.

Juca Ferreira

é Ministro da Cultura do Brasil e sociólogo. Esteve ligado à política desde a época de estudante secundarista, quando foi eleito presidente da UBES e exilado, por nove anos. Foi vereador e Secretário Municipal do Meio Ambiente, em Salvador. Dedicou-se a ações culturais e ambientais. Entre 2003 e 2008, foi Secretário-Executivo do Ministério da Cultura do Brasil.

Konstantinos Karachalios

obteve seu PhD em física e engenharia com pesquisa sobre segurança de reatores nucleares. Atualmente, trabalha no European Patent Office, nas áreas de geopolítica e de relações exteriores, sendo responsável pelas relações desse organismo com outras organizações internacionais e intergovernamentais, inclusive órgãos internacionais de definição de *standards*.

Ladislau Dowbor

economista, atualmente é professor titular no Departamento de Pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nas áreas de economia e administração. Realiza trabalho de consultoria para diversas agências das Nações Unidas, governos e municípios, bem como para o Senac. Atua como conselheiro da Fundação Abrinq, do Instituto Pólis e de outras instituições. Suas áreas principais de atuação são o ensino e a organização de sistemas de planejamento.

Lawrence Liang

indiano, graduado em direito, suas áreas principais de interesse são direito, tecnologia e cultura, política de direitos autorais e propriedade intelectual. Tem trabalhado sobre as formas de traduzir as ideias de código aberto em *softwares* para o domínio cultural.

Samuel Pinheiro Guimarães

diplomata brasileiro, é Ministro Chefe da Secretaria de Assuntos Estratégicos da Presidência da República do Brasil, e foi Secretário-Geral das Relações Exteriores, de 2003 a 2009.

É autor dos livros *Quinhentos anos de periferia* e *Desafios brasileiros na era dos gigantes*.

Saúl Puerta Peña

líder indígena peruano, Secretário-Geral da Asociación Interétnica de Desarrollo de la Selva Peruana, entidade que congrega organizações indígenas da Amazônia peruana. Esteve recentemente exilado na Nicarágua, tendo sido acusado de incitação à violência em seu país, durante protestos em defesa de direitos territoriais indígenas. Atualmente, participa da organização da campanha de Alberto Pizango à presidência do Peru.

Ticio Escobar

é Ministro da Cultura do Paraguai, curador, professor e crítico de arte. Foi diretor do Museo de Arte Indígena, Centro de Artes Visuales, em Asunción.

É autor dos livros *Una interpretación de las artes visuales en el Paraguay* e *El mito del arte y el mito del pueblo*, entre outros.